

**A MUSA INDESEJADA: UMA LEITURA DE
FLOR DA MORTE, DE HENRIQUETA LISBOA**

Glaucio Varella Cardoso

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

prof_cardoso@yahoo.com.br

Resumo

O presente artigo tem como objetivo discutir alguns aspectos da poesia de Henriqueta Lisboa (1901-85), a partir da temática da morte, tantas vezes apontada como sendo uma constante na obra da poeta mineira. Em nossa abordagem, aproximaremos a personificação da morte presente nos poemas ao conceito de musa, procurando demonstrar que, ao tratar da morte como uma entidade, Lisboa a converte em ser inspirador de seu fazer poético.

Palavras-chave: Poesia; Morte; Musa; Personificação; Modernismo.

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 3	1-19
----------------------------	-------------	-------	------	------

Glaucio Varella Cardoso

Doutor em Teoria Literária e Literatura Comparada (UERJ). Mestre em Literatura Brasileira (UERJ). Pesquisa sobretudo as relações da Poesia com a Religiosidade e também a função da Performance Vocal na recepção da poesia. Poeta. Editor do boletim eletrônico *Garimpo - Mensário de Poesia e Espiritualidade*.



lattes.cnpq.br/2774527533547823



orcid.org/0000-0002-1371-1640

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 3	1-19
----------------------------	-------------	-------	------	------

A MUSA INDESEJADA: UMA LEITURA DE *FLOR DA MORTE*, DE HENRIQUETA LISBOA

Glaucio Varella Cardoso

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

prof_cardoso@yahoo.com.br

ISTO NÃO É UMA JUSTIFICATIVA...

Ao nos debruçarmos sobre o livro *Flor da Morte*, de Henriqueta Lisboa, somos surpreendidos não pela temática predominante nos poemas, uma vez que esta já se encontra explicitada no título do volume, mas pela forma como a morte será apresentada nos poemas ali enfeixados. Em vários dos poemas, a morte será personificada, isto é, deixará de ser apenas um fato biológico ou conceito metafísico para alçar-se à condição de “personagem”, caracterizada como ente, como ser.

Tal personificação não chega a ser nova. A morte já foi representada de forma mais ou menos antropomórfica ao longo de toda a história da arte, e a imagem de um esqueleto encapuzado e revestido no que parece um manto ou hábito de religioso, carregando uma foice, é figura recorrente na cultura pop.

O que nos parece inovador nos poemas de Lisboa é a conversão da morte personificada como elemento motivador da criação poética, ou, em outras palavras, sua configuração em Musa. Apresentar e problematizar o aspecto musal no livro de Henriqueta Lisboa será o grande objetivo do presente artigo.

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 3	1-19
----------------------------	-------------	-------	------	------

À PROCURA DE UM NOVO ÂNGULO

Quando pensamos no conceito de Musa, imediatamente somos obrigados a definir o tipo de conceito de que estamos tratando. Há a concepção clássica das Musas como divindades que inspiram os homens em suas criações, sendo constantemente associadas às artes, embora possam instigar o processo criativo nos mais diversos campos.

Filhas da Memória em sua mescla mais íntima com Zeus, as Musas situam-se muito além, pois são também esquecimento, não um esquecimento total, mas um esquecimento parcial e seletivo das coisas do mundo, a saber, dos males e das preocupações dos homens comuns (BRANDÃO, 2000, p. 12).

Posteriormente, o termo “musa” (agora com letra minúscula) passou a se referir também às mulheres, foco de atenção e de devoção dos poetas. Tais mulheres, reais ou inventadas, seriam a fonte de inspiração para poetas e escritores que nelas enxergavam, encasteladas em sua distância espacial ou emocional, um pretexto para seus versos.

À medida que as vozes femininas vêm se firmando no espaço poético, tomando para si a voz da poesia, muitas vezes corporificando-se a um só tempo como musa e poeta – causa e efeito da poesia – é exigido dos estudiosos da literatura a assunção de uma nova postura crítica, afastada dos atavismos tão cristalizados em seu fazer teórico. Não basta mais ver a poesia feminina como reação ao predomínio do patriarcado literário; é preciso ver/ouvir essas vozes femininas como poéticas em si, parte de toda a tradição ocidental e, ao mesmo tempo, geradoras de uma tradição própria.

É na tentativa de atingir esse ponto de vista que nos acercamos da obra de Henriqueta Lisboa.

A MORTE EM FLOR

Dada a constância do tema em sua obra, constância esta admitida pela própria autora, Henriqueta Lisboa chegou a receber a alcunha de “poeta da morte”, título pelo qual não se reconhecia. O estudo de Adriana Rodrigues Machado (2009) nos informa que tal temática estará presente em diversos dos livros da autora, ganhando maior destaque no livro aqui em enfoque, originalmente publicado em 1949.

Como metodologia analítica, escolhemos a leitura de alguns dos poemas constantes no volume nos quais percebemos a figura da morte apresentada de duas formas:

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 3	1-19
----------------------------	-------------	-------	------	------

- a) individualizada num processo prosopopeico, convertida em personagem antropomórfico; e
- b) elevada à condição de musa, entidade inspiradora do fazer poético.

Esses dois territórios nos quais a morte se insere no livro de Lisboa não possuem fronteiras muito definidas entre si, portanto tal classificação deverá necessariamente ter função didático-expositiva, partindo da observação de maior ou menor predominância desses aspectos em cada poema.

Começemos pelo poema que dá título e que abre o volume; ele está dividido em duas partes que representam dois momentos distintos¹. Vejamos a primeira delas:

I
De madrugada escuto: há um estalo de brotos,
de luz atingindo caules.
Difere do rumor da chuva nas lisas pedras,
difere do suspiro do vento nas grades.
É como se a alma se desprendesse da matéria.
Borboleta que deixa o casulo e se debate
contra finas hastes de ferro.
(LISBOA, 2004, p. 7)

Na estrofe de abertura, nota-se a metaforização da passagem do tempo a partir do jogo de antíteses representado por brotos e caules. Esse jogo põe em evidência a temática da morte a partir do ponto em que os brotos que estalam enquanto se desenvolvem para caules estão fadados a um dia encontrarem seu fim, o que já é explicitado no antepenúltimo verso da estrofe (“É como se a alma se desprendesse da matéria.”), primeira menção à morte, já aqui apresentada não como fim da existência, mas como libertação das limitações impostas pela matéria. Não deixa de ser interessante notar, ainda, um eco do “Cárcere das almas”, de Cruz e Souza, possível influência na obra da poeta modernista.

¹ Claudine Figueiredo Andrada, em seu estudo sobre o livro, considera como dois poemas distintos aquilo que aqui consideramos como duas partes do mesmo poema. Não chegamos a discordar da estudiosa, porém adotamos diferente interpretação tanto pelo fato de que os dois poemas se encontram em sequência na obra, sem repetição do título, quanto pela visível sequencialidade do discurso poético, não nos parecendo possível ler o segundo sem ter lido o primeiro.

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 3	1-19
----------------------------	-------------	-------	------	------

Na mesma estrofe, vê-se uma imagem que talvez pareça comum pelo uso constante que se lhe fez ao longo do tempo, mas que, nem por isso, deixa de conferir graça e força ao texto: a da borboleta que se desprende do casulo, constituindo uma outra forma de metaforizar a morte como mudança de estado, de plano de existência. Trata-se de uma ideia bastante difundida entre os espiritualistas de diversas correntes, sendo que a poeta faz parte exatamente de uma tradição moderna da poesia espiritualista brasileira, como mencionará Machado (2009, p. 169):

Henriqueta Lisboa, Augusto Frederico Schmidt e Cecília Meireles, entre outros não citados, faziam uma poesia espiritualista, transcendente, menos nacionalista e mais universal, contrária, portanto, ao que pregavam os mais radicais do movimento modernista.

Ao longo dessa primeira parte do poema, vê-se a constante aproximação entre vida e morte, configuradas como duas faces da mesma moeda, ou dois campos indistintos da existência. Seja no “pacto / entre o vivo e o morto” ou na “proximidade de flor e abismo”, a morte será então apresentada como uma “Flor desejada e temida, promessa do eterno / de que alguém desvenda o segredo” (LISBOA, 2004, p. 7). Teme-se a morte, única certeza possível num mundo de grandes incertezas; porém esse temor é, de certa forma, uma das faces do desejo, do anseio por sua vinda que descortina o último dos mistérios para todo aquele que caminha pela face da Terra.

Na segunda parte do poema, essa flor será adjetivada como “A inacessível” e “A inefável”, epítetos que serão desenvolvidos nas duas primeiras estrofes desta parte como sendo, a um só tempo, indicativos de seu lugar de origem e também terreno de afirmação/negação da natureza:

II

Flor. A inacessível.

Do caos, da escarpa, da salsugem,
da luxúria dos vermes, das gavetas
do asco, do cuspo, da vergonha.

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 3	1-19
----------------------------	-------------	-------	------	------

Flor. A inefável.
A companheira do anjo.
A que não foi rorejada de lágrimas.
A que não tocou sequer o bafejo da aurora.
A que habita acima das nuvens
- por sobre abismos projetada!
(LISBOA, 2004, p. 8)

Claudine Figueiredo Andrada (2010, p. 59) compreende que, nessa parte, a morte

[...] é nomeada e suas características são indicadas. Tais características nem sempre são boas, como a corrupção física, mas há também o caráter positivo da fertilidade. Além disso, a flor da Morte possui a condição eterna de renascer desde todo o sempre.

O ciclo de eterno renascimento reside exatamente na imagem da flor que se perpetua e se renova por meio do seu pólen, garantia de sua continuidade. Nesse sentido, o título “Flor da Morte” traz em si um sentido paradoxal ao unir campos semânticos indicativos de vida (a flor) e fim (a morte), o que fica totalmente explícito na última estrofe, em que a “Morte” é finalmente personificada por meio da inicial maiúscula e, ao mesmo tempo, seu caráter inefável será enfatizado no último verso:

Flor da Morte, salva das águas,
de corruptas sementes nutrida,
única forma de ser,
eterna,
renascendo inicial, desde sempre
nas mãos de Deus – fechada.

(LISBOA, 2011, p. 8)

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 3	1-19
----------------------------	-------------	-------	------	------

É essa personificação da morte no poema de abertura que será fundamental para que Lisboa desenvolva, a cada poema, um processo de ressignificação. É como se todo o livro servisse a um projeto em que a poeta, transfigurada ela mesma em variados “eus” líricos, se dispusesse a repensar os conceitos mais arraigados em nossa cultura a respeito do destino final.

Nós, ocidentais, possuímos uma relação ambígua com a morte. Fala-se sobre a iniludível, conversa-se e pensa-se sobre ela na vã tentativa de torná-la mais próxima e, assim, menos temível. Nas palavras de Amaral (2010, p. 26):

Trabalhar este tema ou apenas meditar sobre ele parece ser uma necessidade do ser humano. Isso porque quando falamos de algo, de certa forma nos aproximamos de “algo”. Parece ser essa a explicação para o discurso sobre a morte: a tentativa de se familiarizar com ela. Entretanto, não nos iludamos: familiarizar-se, em se tratando de morte, não significa entender, compreender, desvendar o mistério. Essa familiarização é uma tentativa de preparação para o momento em que ela nos bater à porta ou que atingir alguém bem próximo a nós.

Lisboa parece ir um passo além nesse processo: sua familiaridade com a morte faz com que a poeta perca seu mistério, como dito em um outro poema:

Na morte, não. Na vida.

Está na vida o mistério.

Em cada afirmação ou
abstinência.

Na malícia
das plausíveis revelações,
no suborno
das silenciosas palavras.

Tu que estás morto
esgotaste o mistério.

(“O mistério”, 2004, p. 10)

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 3	1-19
----------------------------	-------------	-------	------	------

A paisagem do morto é sem limites.

[...]

À paisagem do morto nada falta
de cômodo.

[...]

A paisagem do morto é insípida.

(“A paisagem do morto”, 2004, p. 17)

O esgotamento do mistério, privilégio que os mortos só parecem compartilhar com os poetas, talvez seja a forma mais clara que a autora encontrou para rejeitar o título de “poeta da morte”, como algumas vezes já fora chamada. Após a morte não há mais mistérios, ou seja, não há mais o que se descobrir, descortinar. Cessam os desafios, cessam o gozo, a fome, a luta, e tudo se torna parado, preenchido e, portanto, insípido.

Tal sensaboria não impede que a morte seja celebrada ao longo do livro, no qual vai-se florescendo aos poucos, tranquilamente; poder-se-ia dizer: organicamente. Tal celebração se mostra, inclusive, em momentos nos quais a poeta não estabelece uma diferença exata entre vivos e mortos, como o faz no poema “O véu”:

[...]

Nenhuma ponte os separa
dos vivos, nenhum sinal
os distingue mais que o véu
baixado ao longo do rosto.

[...]

Um véu como os outros, tênue,
guarda o segredo dos mortos.
Nada mais que um véu.

[...]

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 3	1-19
----------------------------	-------------	-------	------	------

Dos inumeráveis véus
que os vivos rompem ou aceitam,
resta para o morto, apenas,
um véu aderido ao rosto.
Entre a vida e a morte, um véu.
Nada mais do que um véu.
(2004, p. 9)

VEM, DOCE MORTE

Até aqui tratou-se da personificação da morte em sua ressignificação no livro de Henriqueta Lisboa. Passemos aqui à observação de momentos em que essa mesma personificação se mescla à invocação da “indesejada das gentes” e sua consequente identificação com a musa desejada e aceita pela voz poética.

Saliente-se que a evocação da morte ocorrerá em todos os poemas do livro em questão, o que nos obrigará ao recorte que privilegie os poemas nos quais, em nosso entender, essa evocação se dará de modo passível de identificar-se com as evocações feitas às musas, com o chamado que se lhes faz para que venham até o poeta e o instiguem a escrever. “Vem, doce morte” será, certamente, o mais representativo dos poemas do volume com tal caráter de evocação da morte como musa, cuja evocação na primeira estrofe parece ecoar as que fizeram autores como Hesíodo, Píndaro e até mesmo Camões:

Vem, doce morte. Quando queiras.
Ao crepúsculo, no instante em que as nuvens
desfilam pálidos casulos
e o suspiro das árvores – secreto –
não é senão prenúncio
de um delicado acontecimento.
(2004, p. 28)

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 3	1-19
----------------------------	-------------	-------	------	------

Nessa evocação, a poeta reveste seu eu lírico (se é que podemos realmente separar a voz escrita da mão que escreve) de um tal desejo de integração com aquela que lhe inspira os poemas contidos no livro, que a morte passa a ser uma presença bem-vinda, como aponta Andrada (2010, p. 67):

[...] Parece haver, por fim, a aceitação da morte. O desejo de sua chegada – por compreendê-la sublime, livre de amarras e problemas – é expresso claramente, como o chamado para ser levado da vida. A sensação de tranquilidade transmitida pela morte aparece como uma solução possível, chegando a ser desejada pelo eu-poético. O momento não importa, e o fato de não sabê-lo não representa um problema, mas uma ansiedade como se sente quando se espera uma visita desejada há muito tempo.

Tal desejo de integração é o que parece permear toda a caracterização da morte ao longo do livro, chegando a soar paradoxal que sua evocação enquanto musa se dê não no início do livro, mas quase em sua metade².

Coerente com a visão espiritualista da autora, a morte será, portanto, vista e representada poeticamente não como fim da existência, mas sim com um papel ao mesmo tempo criador e recriador. É assim, por exemplo, que podemos ler o poema “Restauradora” (2004, p. 25):

A morte é limpa.
Cruel mas limpa.

Com seus aventais de linho
— fâmula — esfrega as vidraças.

Tem punhos ágeis e esponjas.
Abre as janelas, o ar precipita-se
inaugural para dentro das salas.

Havia impressões digitais nos móveis,
grãos de poeira no interstício das fechaduras.

² “Vem, doce morte” é o 18º dos 42 poemas que compõem o livro.

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 3	1-19
----------------------------	-------------	-------	------	------

Porém tudo voltou a ser como antes da carne
e sua desordem.

A um só tempo cruel e limpa, a musa surge aqui não como figura meramente decorativa, inspirando à distância, mas ágil, ativa. Sua ação restauradora se dá por devolver o ser à realidade e ordem que existiam antes da carne, da matéria, o que nos remete à perfeição do mundo das ideias platoniano. E esse aspecto restaurador se estabelece não apenas quando da chegada da morte, mas também pela consciência que se tem dela, como se lê no primeiro verso de “Retorno”: “Pela morte voltou a ser criança” (2004, p. 29).

Essa força (re)criadora aparece ainda no poema, que dedicou ao amigo Carlos Drummond de Andrade, quando a mãe do poeta mineiro faleceu em 1949, intitulado “Na morte” (2004, p. 31) e que mais tarde viria a compor o livro do qual nos ocupamos. Ao longo de suas 10 curtas estrofes (4 tercetos e 6 dísticos), o contante jogo de antíteses coloca em contraponto as realidades da vida material e da vida espiritual, sendo esta sempre retratada com o otimismo da restauração de todas as coisas em contraponto com a miséria encontrada naquela:

Na morte nos encontraremos.

Sim, na morte.

Tempo de consórcio e de vínculo.

Depois de caminhos extremos.

Quer pelo sul ou pelo norte.

Ao término de circunstâncias:

passos certos ou perdidos.

Sem palavras nem sentimentos.

Com simplicidade suprema.

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 3	1-19
----------------------------	-------------	-------	------	------

Na morte nos encontraremos.

Remoinhos de água em torno às ilhas
suspensos na mesma quietude.

Fria resistência de rocha
absorvida pelas espumas.

Na morte nos encontraremos.

Na morte.

Terra de conquista do sangue.

Braços um dia decepados
voltando ao torso a que pertencem.

Fios cortados ao nascer
no reajustamento dos nós.

Na morte nos encontraremos.

Na morte, sim.

Toque de recolher em círculo.

Seria talvez interessante prosseguir no exercício de rastrear as adjetivações da morte ao longo do livro, mas possivelmente repetitivo e, portanto, enfadonho. Sigamos por outro caminho a fim de concluir nossa analogia entre morte e musa na poesia de Henriqueta Lisboa.

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 3	1-19
----------------------------	-------------	-------	------	------

Retomemos aqui o texto de Brandão no qual é esclarecida a origem das Musas a partir de alguns versos da *Teogonia*:

A elas, na Piéria, gerou, com o pai cronida unida,
 Memória, que nas colinas do Eleutero reinava, para
 Esquecimento dos males e pausa das preocupações.

Após a transcrição dos versos, o estudioso esclarece que

Esses três versos são de todo significativos. Em primeiro lugar, porque declaram, obliquamente, a filiação das Musas com relação a Zeus. Por outro, porque, referindo-se obliquamente a Zeus, num dativo associativo, não o põem em primeiro plano, mas à Memória (Mnemosýne): foi ela que gerou as Musas, unindo-se ao pai Cronida. [...]. Assim, se é na filiação da Memória que as Musas encontram sua identidade, encontram-na não na Memória pura, mas numa Memória mesclada (migeísa) com Zeus. Consequência primeira: *elas não são só memória*. O surpreendente, entretanto, encontra-se no verso 53: Memória gerou-as, misturando-se ao pai Cronida, não para rememoração, mas para esquecimento (lesmosýne). [...] *O que vêm a ser portanto as Musas? Memória mesclada a Zeus ou uma espécie de memória para o esquecimento*. Não se trata, evidentemente, de um esquecimento absoluto, uma negação da memória, o que não teria sentido, mas do esquecimento de algumas coisas, nomeadamente os males (lesmosýne kakôn). Mais ainda: trata-se também de uma memória que, em vez de fluir sem limites, faz cessar algumas coisas, especificamente as preocupações (ámpauma mermeráon). (2000, p. 17) [grifos nossos]

Sendo ao mesmo tempo memória e esquecimento, as musas não possuem compromisso absoluto com aquilo que os homens assumem como verdade, pois bem podem declarar coisas falsas ou irreais (ficcionalis) como verdadeiras, ou podem simplesmente promover o apagamento dos males e aflições. Creio ser este mesmo estatuto que se vê associado à morte nos poemas de Lisboa dos quais temos tratado: a restauradora, a que promove o fim dos males (sofrimentos) mediante seu esquecimento, a que leva o ser humano, abandonando a matéria, de volta ao mundo verdadeiro, um mundo de paz e beleza.

E assim como as Musas, a Morte também possui relação tanto com Lethe quanto com Mnemósine, pois, se de um lado promove o esquecimento dos males oriundos da vida humana na Terra, em que a alma se encontra aprisionada à matéria, é também uma lembrança constante de que estamos todos de passagem pela vida e que, ao encontrar-se com a iniludível, tudo o que resta a cada um é a memória em que todos se transformam, como no

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 3	1-19
----------------------------	-------------	-------	------	------

poema “Tua memória” (2004, p. 24) em que uma Morte/Musa inominada é a presença mais marcante não pelo que é dito a seu respeito, mas pelo que provoca, com seu toque, nos que partem e nos que ficam:

Tua memória é um cubo
de cristal.
Tomo-a nos dedos, sob os olhos,
límpida, enxuta,
limitada, nítida.

Éter, brasa em conserva,
gelo, joia sem uso,
líquido em bojo, malva,
pelo espelho, seródia,
lua talhada
de ângulos.

Face por face,
toco-a,
examino-a.
Alfinetes irrompem
aqui e ali
riscando luz, retidos
pelas paredes.
Intermitentes focos
em circuito,
surdo relógio
repetindo-se.

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 3	1-19
----------------------------	-------------	-------	------	------

Ah, o ardor que não flui!

Dádiva e aresta

...E ISTO NÃO É UMA CONCLUSÃO

Ao findar o presente texto, uma dúvida ainda me assalta: teria sido Henriqueta Lisboa a única poeta brasileira a tematizar a morte a partir de uma identificação desta com o papel de Musa? Impossível responder a tal pergunta no momento, embora possa afirmar que o tema da morte tem sido motivo de incômodo para diversos de nossos autores, sejam eles poetas, romancistas ou ensaístas das mais diversas áreas.

Sendo assim, o que há de especial no volume *Flor da Morte* para merecer-nos a atenção? Penso que a autora mineira foi talvez das primeiras a lograr, na poesia, uma aproximação tamanha com o tema que se nos assemelha partir não apenas de impressões, mas da própria experiência, como diz Andrada:

A poesia de *Flor da Morte* é tão interiorizada que parece ser capaz de captar a estranha sensação da morte e de sua condição, como se se tratasse de uma experiência particular do eu-poético, como se este já tivesse “vivido a morte”. Esse caráter aparentemente particular, entretanto, exprime uma impressão universal, uma vez que é próprio do ser humano a constante busca pelas respostas aos seus questionamentos mais íntimos. (2010, p. 72)

Em sua poetização da morte, Lisboa se aproxima da experiência metafísica e, ao mesmo tempo, afasta-se do misticismo que encobre tudo sob o véu do desconhecido. Para ela, a morte é a amada, a bem-vinda, a desejada e, acima de tudo, a conhecida.

Mas talvez o maior mérito do livro em questão seja que ele não apresenta apenas uma faceta da morte, mas uma multiplicidade de rostos e de vozes que não nos permitem nunca a devassar por completo, mas que nos possibilitam a naturalização deste tema de modo que, se não soluciona o Grande Mistério, ao menos o torna menos estranho à experiência humana.

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 3	1-19
----------------------------	-------------	-------	------	------

REFERÊNCIAS

ANDRADA, Claudine Figueiredo. **Evolução da temática da morte na poesia de Henriqueta Lisboa: A face lívida e Flor da Morte**. 2010. Dissertação (Mestrado em Literaturas de Língua Portuguesa) – Programa de Pós-Graduação em Letras – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

BRANDÃO, Jacyntho Lins. As musas ensinam a mentir (Hesíodo, *Teogonia*, 27-28). In: **Ágora. Estudos Clássicos em Debate**. Aveiro, Portugal: UA Editora, nº 2, jan. 2000, pp. 7-20. Disponível em proa.ua.pt/index.php/agora/issue/view/405. Acesso em 04 set. 2024.

LISBOA, Henriqueta. **Flor da Morte**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

MACHADO, Adriana Rodrigues. Encanto e poesia: a mística de Henriqueta Lisboa. In: MELLO, Ana Maria Lisboa de (org.). **A poesia metafísica no Brasil** – Percursos e modulações. Porto Alegre: FAPA – Faculdade Porto-Alegrense, 2009, pp. 167-92.

Recebido em: 16/08/2024

Aceito em: 18/09/2024

Publicado em: 08/03/2025

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 3	1-19
----------------------------	-------------	-------	------	------

**THE UNWANTED MUSE: A READING OF
FLOR DA MORTE, BY HENRIQUETA LISBOA**

Glaucio Varella Cardoso

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

(prof_cardoso@yahoo.com.br)

ABSTRACT

This article aims to discuss some aspects of the poetry of Henriqueta Lisboa (1901-85) based on the theme of death, so often highlighted as being a constant in her poetic work. In our approach, we will bring the personification of death in his poems closer to the concept of muse, seeking to demonstrate that, by treating death as an entity, Lisbon turns it into an inspiration for his poetic work.

Keywords: Poetry; Death; Muse; Personification; Modernism.

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 3	1-19
----------------------------	-------------	-------	------	------

**LA MUSA NO DESEADA: UNA LECTURA DE
FLOR DA MORTE, DE HENRIQUETA LISBOA**

Glaucio Varella Cardoso

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

(prof_cardoso@yahoo.com.br)

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo discutir algunos aspectos de la poesía de Henriqueta Lisboa (1901-85) a partir del tema de la muerte, tantas veces destacado como una constante en su obra poética. En nuestro enfoque acercaremos la personificación de la muerte en sus poemas al concepto de musa, buscando demostrar que, al tratar la muerte como una entidad, Lisboa la convierte en inspiración para su obra poética.

Palabras-clave: Poesía; Muerte; Musa; Personificación; Modernismo.

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 3	1-19
----------------------------	-------------	-------	------	------